

MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA CENTRAL



ROSA ALVES MIRANDA

ROSA ALVES MIRANDA

98/1

EDUCAÇÃO POPULAR: AINDA UM DESAFIO.

Monografia apresentada à Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro em cumprimento
ao requisito parcial para conclusão do curso de
Licenciatura Plena em PEDAGOGIA.

ORIENTADORA: Carmen Sanches Sampaio.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO UNI - RIO

Rio de Janeiro
2^o. Semestre, 1998.

“Sonhar, apesar das decepções. Caminhar, apesar dos obstáculos. Lutar apesar das barreiras. Acreditar, acima de tudo”. (Autor desconhecido)

A **Jesus Cristo**, meu Mestre, o maior PEDAGOGO de todos os tempos e a **Maria**, nossa mãe, que foram modelos de perseverança e força durante os momentos difíceis.

À **Companhia de Maria**, pelo apoio, pela confiança e pelo tempo disponível para meus estudos.

A minha professora orientadora **Carmen Sanches Sampaio**, pelo interesse, disponibilidade, carinho e dedicação.

Aos meus **professores**, que durante o Curso me ajudaram a crescer como pessoa, na compreensão da sociedade e a lutar para que ela seja mais justa.

A **minha família**, que foi a minha primeira escola.

Aos professores, funcionários da secretaria e da biblioteca, do **Colégio Companhia de Maria - Rio** - que contribuíram para meu crescimento, durante o estágio e pela disponibilidade e apoio nos momentos que pedir ajuda.

À Leda Maria, Ana Resende, Sônia Coelho, Margarida e Marilene pela contribuição, disponibilidade, apoio nas horas de aperto.

As minhas professoras leitoras: **Gilda e Malvina Tuttmann**.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS.

À

Ana Maria Resende, por seu amor
e dedicação a educação popular.

SUMÁRIO

I- Introdução-----	7
I I- Algumas reflexões iniciais -----	10
III- Resgatando a memória -----	21
IV - Como está o CEJOLE hoje -----	61
V - Apontando para o futuro -----	69
VI - Bibliografia -----	76
VII - Anexo n. 1 -----	80
VIII - Declarações -----	84

“Meu gosto de ler e de escrever se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos racista, menos discriminatória, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses da sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados “bem-nascidos”. (Paulo Freire)

I - INTRODUÇÃO

Frente a falta de conscientização de suas potencialidades, a classe popular se encontra encurralada nesta sociedade que os marginaliza, exclui, tutela, tirando-lhes o direito de viverem como sujeitos, cidadãos capazes de exercerem seus direitos e deveres. Este quadro é um reflexo da política neoliberal que vem imperando sobre nossa sociedade tornando-a mais e mais excludente e discriminatória. Assim, o fracasso escolar, o péssimo rendimento em todo sistema público e os desequilíbrios regionais são exemplos dessa ideologia. Como afirma DEMO: *“ o desafio maior da cidadania é a eliminação da pobreza política, que está na raiz da ignorância acerca da condição de massa de manobra(...), pois o não cidadão é sobre tudo quem, por está coibido de tomar consciência crítica da marginalização que lhe é imposta, não atinge a oportunidade de conceber uma história alternativa e de organizar-se politicamente para tanto. Entende injustiça como destino. Faz a riqueza do outro sem dela participar”* (DEMO, 1995). Neste sentido, analisar a relação entre a prática educativa e a educação popular, questionando a realidade vivida pela maioria do povo, buscando propostas e atividades educativas que tenham sentido e coerência com o seu dia -

a - dia; procurando meios que eduquem apesar da fome, da falta de moradia, de roupa, de saúde, que são necessidades básicas, é o desafio deste trabalho.

Faço parte de uma Instituição Religiosa, que tem como carisma a Educação, ou seja foi fundada para responder a uma necessidade da época, que era a Educação da mulher, pois no século XVII estas não tinham nem voz e nem vez, como as pessoas excluídas hoje, principalmente as das favelas. Como Religiosas unimos educação e evangelização de uma forma libertadora, pois chega de opressão, alienação e dominação. Porém, não podemos dizer que estamos totalmente libertas de tudo isso, vamos aprendendo a medida que vamos trabalhando e avaliando nosso trabalho, no desejo de acertamos.

Este trabalho monográfico vem descrevendo nossa luta juntamente com o povo, na busca de melhorias nas comunidades: Nossa Senhora de Fátima, Santa Joana (Itararé) e Nossa Senhora Aparecida, todas localizadas em favelas, no bairro Americanópolis, periferia de São Paulo.

Venho refletindo sobre o nosso trabalho e o próprio sistema educacional de hoje, no final do século XX.

Como o povo pode organizar-se, sem tempo para pensar e refletir ? Como buscar a emancipação, sem participação e organização coletiva? Como fazer

leituras da realidade, para transformá-la se não têm uma educação que favoreça este processo? Por que o índice de analfabetismo em nosso país é tão elevado? Qual a relação de nossa prática de educadores, com este índice? Como exercer a cidadania em uma sociedade que deixa à margem aqueles que não são “poderosos” financeiramente? Estamos realmente fazendo um trabalho educativo no meio popular, a partir do povo para o povo e com o povo?

Sem tomar consciência da realidade em que vivem e, de suas potencialidades enquanto pessoas e grupos, a classe popular, provavelmente não conseguirá sobreviver em uma sociedade que os massacra e exclui, enquanto cidadão.

II - ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS

O analfabetismo no Brasil é considerado há muito tempo calamidade pública. Embora seja a 8ª. economia do mundo, o Brasil apresenta um triste cenário educacional, no conjunto de todas as nações do mundo.

- possui, aproximadamente 3,5 % (30 milhões) de todos os analfabetos do mundo;

- constitui parcela significativa das centenas de milhares de crianças e adultos que têm acesso a escola, mas que não completam um grau de escolaridade (em cem crianças matriculadas no Primeiro Grau, apenas 33 concluem a 8ª. série);

- contribui com 32 milhões de analfabetos acima de sete anos de idade, sendo que 20 milhões destes têm mais de 14 anos de idade;¹

Existem sérios problemas que colaboram com a elevação dos índices de analfabetismo, na escolarização de 83% da população de 7 a 14 anos de idade:²

- a concentração progressiva das matrículas na rede municipal, sem a crescente descentralização de recursos, onde (2,7 milhões de crianças de 7 a 14 anos de idade ainda são excluídos da escolarização deste nível, ou 8,8 % do total, sendo mais da metade delas na região Nordeste);³

- entre os jovens que já completaram 14 anos, 77,6 % dos meninos e 68,5 % das meninas, ainda não concluíram o ensino Fundamental;

- 13,9 % das crianças que deveriam ter iniciado o Ensino Fundamental, ainda estão fora da Escola, sendo que no Nordeste este índice sobe para 26,3 %; no Norte, 17,5 %; no Sudeste, 9,5%; no Centro-Oeste, 7,0% e no Sul, 1,6%;⁴

- o “déficit” invisível de quase 4 milhões de vagas correspondente aos alunos matriculados nos chamados “ Turnos Intermediários”, com redução da jornada escolar de todos os turnos;

- um dos menores anos letivos e uma das mais curtas jornadas escolares do mundo;

¹ Fontes: PNUD/IPEA- Brasília - Revista Família Cristã, ano 64 N. 746 1998.

² Idem fonte 1.

³ Fontes: MEC/INEP/SEEC/IBGE - Jornal do Brasil 17/ 10/ 1997

⁴ Fontes: MEC/Inep/Seec/LNCC - Almanaque Abril, 1998:66

⁵ Plano decenal de educação para todos, 1993.

- repetência elevada com destaque na primeira série do Primeiro Grau (média de 53,7 %).⁵

Não poderíamos deixar de falar do cenário em que se encontra o analfabetismo em relação ao adulto, que apesar de tantas campanhas, o problema ainda não foi solucionado. Vejamos uma pesquisa feita pelo Tribunal Eleitoral. Esta pesquisa constata que dos 75 milhões, 313 mil e 519 eleitores inscritos em todo país , 68 % são analfabetos, semi - analfabetos ou não completaram o Primeiro Grau. Dentre estes 68 %, 10 % são absolutamente analfabetos, **30 % apenas desenham o nome** e 28 % tem o Primeiro Grau incompleto.(Jornal do Brasil 21/06;89)

O que assusta é que esses 30 % que simplesmente desenham o nome estão incluídos no índice de pessoas alfabetizadas.

Várias são as causas para esta catástrofe:⁶

- dívida externa (+ ou - 120 milhões de dólares);
- dívida interna que está muito próxima da externa;

⁶ Plano Decenal de Educação para todos, 1993

- dívida social injusta, tais como:

- * má distribuição de renda;
- * má remuneração salarial (a família muitas vezes obriga a criança ou adolescente a interromper os estudos para ingressarem precocemente no mercado de trabalho, ou pedir esmola, vender souvenir ou até mesmo se prostituir, para aumentar o orçamento da casa);
- * falta de moradia decente (barracos caindo aos pedaços, um cômodo para até seis pessoas);
- * quase metade dos lares brasileiros sem água potável e apenas 28% deles com água e esgoto;
- * subnutrição (principalmente nas favelas onde normalmente se tem uma única refeição);
- * saúde precária (com expansão dos planos de saúde, a saúde pública virou um caos).

Isso tudo sem contar com os obstáculos mais gerais no setor educativo.

Vejam os:

- baixa produtividade do sistema;⁷
- nível insatisfatório de qualidade de ensino (decorrente das estruturas funcionais e administrativas)
- práticas de avaliação de desempenho escolar inadequadas (muitas vezes não se leva em consideração o que a criança traz, nem tão pouco sua produção no dia-a-dia, aplica-se uma avaliação comum a todos sem levar em conta as diferenças pessoais no processo de aprendizagem);
- pouca criatividade do sistema para atender a grupos em situações específicas (menores de rua etc.);
- ausência de Metodologia e processos adequados para se trabalhar com grupos em situações de risco (que projeto existe para trabalhar com menor de rua? Que trabalho é feito para que este menor não chegue a rua?);
- inexistência de políticas e de comprometimento mais amplo com as questões do Magistério(qualidade x quantidade, ou seja: má remuneração, péssimas condições de trabalho para o professor, ausência de carreira do Magistério - que todos representam incentivos e facilitem a atualização destes - horário trabalho não compatível com horário de estudos, falta de incentivo e formação precária);

⁷ Plano Decenal de Educação para todos, 1993.

- desigualdade e heterogeneidade de oferta de ensino entre as redes;
- dispersão e ineficiência na alocação e na gestão de recursos;
- enfraquecimento da escola como instituição - chave no processo ensino - aprendizagem;
- desarticulação entre os níveis de governos (descontinuidade nas políticas públicas);
- baixa sustentação social de projetos pedagogicamente inovadores e de métodos mais eficientes de administração educacional

Como podemos observar, o sistema educacional vem mostrando incapacidade de associar o acesso, a permanência com qualidade para grupos que estão profundamente prejudicados pelas desigualdades sociais, onde a marginalidade é que reina. Assim, ser marginalizado segundo O’GORMAN,

“é estar mantido fora, á margem, é receber um salário injusto; é estar privado de instrução, de atendimento médico, de crédito; é passar fome; é habitar em barracos sórdidos; é estar privado da terra por estruturas agrárias inadequadas e injustas; é não poder participar livremente do processo de criatividade que forja a cultura original de um povo. Ser marginalizado é não dispor de representatividade eficaz, para fazer chegar aos centros decisórios as próprias necessidades e aspirações ; é ser contemplado , não como sujeito de direitos , mas como objeto de favores outorgados na medida necessária à redução das reivindicações ; é ser manipulado pela propaganda. É não ter possibilidade de participar. É ser privado do conhecimento da dignidade que Deus conferiu ao homem” (O’GORMAN, 1982:67).

Esta é a situação de uma grande maioria. O povo, desacreditado pelos governantes ou desperdiçados enquanto grupo pensante, são utilizados como meios de manobras, de políticas eleitoreiras, que visam não o bem estar da comunidade, e sim, números de votos nas épocas de eleições. São manipulados com promessas falsas, com ajudas que resolvem situações problemas imediatas, e as mais necessitadas como: Escola, moradia, saúde ficam sempre nas promessas.

É neste contexto social que nasce o CEJOLE(Centro Educacional Santa Joana de Lestonnac). Não vem salvar a “Pátria” e nem poderia, mas vem ser presença animadora em meio ao povo esquecido.

Tocadas pela situação de exclusão, pela evasão e repetência, foi que iniciamos um trabalho de reforço escolar , no bairro de Americanópolis, na cidade de São Paulo, situado a 30 km do centro, com uma área extremamente acidentada. Possui apenas duas linhas de ônibus urbano, com super lotação que circula pela região. O bairro é constituído de aproximadamente 90.000 habitantes, na sua maioria ,emigrantes do interior do país, em busca de sua sobrevivência, oriundos do Nordeste, Minas Gerais e Paraná.

É uma população deixada à margem da sociedade, vivendo na extrema pobreza, com péssimas condições de moradia, trabalho, transporte saúde, escola,

creches, etc. Grande número das crianças não estudam devido a necessidade de trabalhar, falta de vagas nas escolas e de documentação. É uma região com alto índice de analfabetismo, desemprego, alcoolismo, violência e drogas.

Existem várias favelas neste bairro, e foi neste local que nos sentimos chamadas a sermos presença, a respondermos educativamente a uma necessidade local e, principalmente, social de um grupo que a nosso ver estava privado da principal chave de acesso á cidadania, devido ao descaso em que se encontra a educação e a situação de miserabilidade em que vivem estas comunidades. Como nos apresenta SUNG:

“ assim como a moral individualista levou ao consumismo , que passou a ser o próprio espírito do capitalismo, a fragmentação das esferas da vida social levou a uma desarmonia entre a ação de uma delas e o conjunto da sociedade. Com o atual estágio do desenvolvimento tecnológico , já seria possível fornecer educação, saúde, e alimentação para toda humanidade. Mas, dois terços da população mundial vivem na pobreza e mais de um bilhão passa fome em todo mundo.”(SUNG, 1995:110).

O pior é que esta situação se agrava gradativamente. O grande número de desempregados em todo país é um reflexo desta situação. O sistema neoliberal, suga cada cada vez mais o pouco que a classe popular possui: o direito de viver; e de ser cidadãos, que pertence a todo ser humano.

Faço parte de uma Instituição Religiosa, que tem como carisma a Educação. Foi fundada no século XVII para responder a uma necessidade da época - a Educação da mulher - que não tinham voz e vez, como as pessoas excluídas hoje. Como Religiosas unimos educação e evangelização de uma forma libertadora: chega de opressão, alienação e dominação. Porém, não podemos dizer que estamos totalmente libertas de tudo isso, vamos aprendendo à medida que vamos trabalhando e avaliando nosso trabalho, no desejo de acertarmos.

É sobre este assunto que pretendo desenvolver meu trabalho monográfico. Narrarei como surgiu o CEJOLE e analisarei criticamente o trabalho realizado, apontando questões que precisam ser repensadas para melhor responder às necessidades destas comunidades. Como afirma O'GORMAN,

“ O agente de promoção humana, comprometido com a participação dos marginalizados na sociedade, quase sempre pertence (ou tem participação tácita) a alguma entidade religiosa engajada numa opção pelos pobres. Acompanha a luta do povo por participação, intervém em momentos cruciais para despertar, incentivar, apoiar e compartilhar, pelo diálogo e por decisões comuns, seus recursos sociológicos, filosóficos e materiais, para chegarem a uma visão mais global e crítica da sociedade excludente”. (O'GORMAN,1982:92)

É neste sentido que nos propomos, juntamente com o povo, a buscar a mudança em um processo de promoção humana , na percepção crítica da sua

realidade, refletida e valorada, solidarizando uns com os outros, na esperança comprometida com a transformação das relações sociais.

“ A educação deve ser integradora. Não uma função que se realiza mediante ações isoladas ou desconectadas entre si, mas uma missão que leve a cabo numa continuidade diária, numa doação total e num serviço no estilo de Cristo. Somente uma educação integradora humaniza e personaliza o homem e a mulher quando consegue que eles desenvolvam claramente seu pensamento na compreensão e sua liberdade na comunhão com a comunidade inteira. Assim, esse homem e essa mulher humanizam seu mundo, produzem cultura, transformam a sociedade e constroem a história. A educação integradora, exige que os educadores responsáveis por ela , sejam homens e mulheres integrados e unificados em seu próprio ser. Acreditamos em quem nos diz algo e não na coisa dita”.(Joana de Lestonnac)

III - RESGATANDO A MEMÓRIA

Em 1988, o Pároco da Igreja São Francisco, convidou a Companhia de Maria, Instituição da qual sou membro para realizar uma Missão Popular, que acontece sempre no mês de Julho. Esta missão tem como objetivo suscitar líderes comunitários. Participam desta missão: jovens, mulheres, casais e crianças do local onde se realiza a missão. Os jovens, as mulheres e os casais normalmente são missionários do local ou então vindos de São Paulo, Minas Gerais ou Paraná, lugares onde a Companhia de Maria atua ou já atuou.

Neste ano, decidimos que nesta missão deveríamos voltar-nos, preferencialmente, aos mais empobrecidos do bairro Americanópolis, região de São Paulo, por serem abandonados pela sociedade, distantes da Igreja, “exilados” de sua terra natal e separados de seus familiares. Os vizinhos não se conheciam, todos tinham medo de todos, e esse desprezo mútuo gerou o isolamento. São rostos tristes, desfigurados pelo sofrimento e pela vida árdua de trabalho, de segunda - feira à sábado, das 4 ou 5 horas da manhã até às 19 ou 20 horas.

A desconfiança aumenta essa dor, pois não têm nem como expressá-la. A consequência é a agressividade sempre crescente, a violência, levando ao enfraquecimento da dignidade humana.

Durante anos a fio, nada foi feito para melhorar o saneamento básico. Só existe uma escola na região e deste modo, não atende a todas as crianças, justificando o grande número de crianças fora da escola. No entanto, não é só este o motivo, muitas crianças não possuem o registro de nascimento, outros não conseguem vagas, muitos não acompanham o ensino e abandonam a escola. Enquanto os pais trabalham, os filhos ficam em casa ou então na rua. Muito cedo começam a formar bandos, passando a roubar, a entrar no caminho da droga e a se prostituir.

A mulher é presença significativa, pois além de trabalhar fora, dedica-se ao lar e aos filhos. Os homens, em geral, estão muito alheios, não têm influência na transformação social. As mulheres, no entanto, sempre estiveram atentas às situações de miséria e abandono em que vivem e desejam a mudança deste cenário visando “salvar” seus filhos desta realidade cruel que os envolvem.

Deparando com esta dura realidade, mas reconhecendo a força da mulher e jovens deste local, quisemos dar continuidade ao trabalho iniciado durante a missão e começamos pelas visitas. Era uma maneira de conhecer melhor a realidade deste povo.

Depois de quase dois anos de caminhada iniciamos as reflexões a respeito da realidade em que viviam e das possíveis mudanças, que poderiam realizar a partir das próprias comunidades. Segundo O'GORMAN :

“Se o povo assumir o papel de agente da mudança social, crescendo na autoconfiança e no poder de se fazer ouvir e de decidir seu próprio destino, o desenvolvimento terá que ser libertador. No entanto, uma tentativa de mudança libertadora inevitavelmente vai esbarrar em bloqueios de ordem política e econômica, que esvaziam as conquistas de desenvolvimento libertador”(O'GORMAN,1982:173).

Na perspectivas de mudanças, mesmo sabendo que o político e o econômico iriam interferir, começamos com os Círculos Bíblicos - encontros onde à Luz da Palavra de Deus ou do desenho que ilustra essa Palavra, acontece uma reflexão sobre a própria realidade. Nesta reflexão existe a possibilidade de se perceber, a exemplo de outras pessoas, que coletivamente, é possível transformar uma realidade que antes parecia impossível.(Vide anexo 1)-. Assim, a partir das discussões realizadas, a força de lutar vai emergindo de dentro de cada pessoa ali

reunida. Paulo Freire, ilustra bem esta fala quando diz *“a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tão pouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir , humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”*.(FREIRE,1975:92)

Paulo Freire, não separa a teoria da prática. Para ele teoria, método e prática formam um todo, guiado pelo princípio da relação entre conhecimento e conhecedor, constituindo uma teoria do conhecimento, onde o saber tem um papel importante. Onde é de extrema importância saber escutar as urgências mais gritantes do momento.

Se compreendermos o diálogo como o encontro dos homens mediatizados pelo mundo, é preciso não perder de vista o nutriente, desta relação: o amor, a humildade, a esperança, a fé e a confiança, por serem fundamentais, principalmente na prática social. A humildade é essencial na convivência com o outro. O amor permite o diálogo. Se não amo o mundo, a vida e as pessoas, o diálogo não ocorrerá.

A fé nas pessoas é outro dado primordial no diálogo. Esta fé nos levará a criar uma confiança esperançosa na transformação da realidade indesejada. Na luta pela libertação, na liberdade alegre de viver. A confiança, implicará no testemunho que cada sujeito dará aos outros com relação as suas intenções no grupo.

Com este espírito de solidariedade, libertação, união compromisso e confiança, é que fomos aos poucos analisando as possibilidades de mudanças ainda que, vagarosamente...

Em alguns locais as reuniões aconteciam nas casas das pessoas, em outros, como em Nossa Senhora de Fátima - o núcleo que eu acompanhei mais de perto - eram realizadas em um barracão que chamávamos de capela. Esta capela foi a primeira conquista deste povo, pois foi construída por eles, em mutirão. Antes, contam as irmãs que trabalhavam lá, era feita de tábuas, coberta com plástico e quando chovia, molhava menos lá fora que no interior da capela.

Na capela, as pessoas se sentiam mais tranquilas, pois em suas casas, existia o medo de que alguém pudesse estar observando a casa para depois roubar. Não existia ainda a confiança, pois sempre havia alguém novo no grupo.

Assim, na capela ou nas casas, onde podíamos nos reunir, íamos tecendo nossos sonhos, contando nossas dores, criando espaços para falarmos e sermos ouvidas. Digo “nossas” porque é impossível estar no meio do povo, mesmo por pouco tempo, sem participar de suas dores, alegrias; sem festejar e lutar com eles. Confesso que, muitas vezes, tive vontade de não aparecer por lá, a realidade é muito dura! O que me fortalecia, animava e impulsionava era a luta e a confiança que o povo depositava em nosso trabalho ou simplesmente o apoio que nossa presença era para eles, e também, por acreditar na possível transformação daquela realidade. Acreditava e acredito na força do povo, do coletivo e, confesso que não tinha uma consciência clara das razões de tanta miséria. Ao ter acesso na Universidade a textos, onde teoricamente pude tomar conhecimento das desigualdades e injustiças sociais participar, de fato, de um trabalho popular me possibilitou tomar consciência dos dados reais da política neoliberal que orienta as decisões e ações no nosso país. TORRE chama nossa atenção para esse quadro excludente:

“este modelo neoliberal tem como uma de suas premissas a redução do gasto público, redução dos programas que são considerados gastos públicos e não investimento, venda das empresas estatais(...) a diminuição da participação financeira do estado no fornecimento de serviços sociais (incluindo educação, saúde, pensões e aposentadorias, transporte público e habitação populares) e sua subsequente transferência do setor privado (privatização)”(TORRES, 1995).

Articular teoria e prática é o movimento buscado por mim ao conhecer de perto como viviam e vivem a comunidade onde estamos realizando o trabalho.

Uma coisa eu tinha certeza: aquela realidade não era “vontade de Deus”, como muitos ali diziam e acreditavam. Refletir sobre essas questões buscando uma maior conscientização com aquele grupo, era algo que me desafiava sempre. Como fazer isso? Como torná-los conscientes das causas de tantas desigualdades sociais apontando para a possibilidade de mudanças? Existe realmente a possibilidade de mudanças mediante esse quadro neoliberal que a cada dia toma mais forma e consistência? Sistema esse, que vê os pobres como afirma

FORRESTER:

“ São os pobres que, de imediato, são indesejáveis, de imediato colocados onde só há ausência, confisco: naquelas paisagens tão próximas e tão incompatíveis em que se transformaram, em que deixamos que se transformassem, aqueles subúrbios onde ficamos livres de uma parte dos que não nos servem mais, colocados assim de lado, estabelecidos naquelas obras-primas de anulação latente. Lugares banidos em que, em seu conjunto, manifestam o vazio, ausência do que se acha em outro lugar, do que não está ali, mas que ali se torna ainda mais consciente. Cenário daquilo que falta. Lugares da subtração (mais que podem e devem ser também do hábito, da intimidade, da memória). Lugar de despojamento que, estranhamente, conviria a eremitas, à ascese. Molduras despojadas, desencorajadas, desencorajantes. Emblemas transparentes de um distanciamento, de uma melancolia que eles ao mesmo tempo expõem e provocam, traduzem e constituem ”(FORRESTER, 1997:59).

A exclusão é uma prática discriminatória, e sabemos que esse processo de exclusão não acontece por acaso. Ele cumpre um papel na ordem social vigente. Neste sistema discriminatório é necessário a exclusão da maioria visando garantir as posições ou privilégios de poucos - uma minoria.

Seria utopia pensar na transformação dessa realidade ? quem responde a esta pergunta é Freire, quando afirma “ *utopia é a dialética entre o ato de denúncia do mundo que se desumaniza e o anúncio do mundo que se humaniza*” (In: JORGE, 1979:59). Então, estando as pessoas conscientes de sua realidade é possível transformar sim, “*pois essa dialética “ denúncia-anúncio” não é nem de ontem nem de hoje, nem de amanhã. Ela é uma tarefa de sempre*”. (JORGE,1979:59). Também Marx em uma citação de LOWY comprova o que Freire nos diz: “ *aplicando o método dialético, todos os fenômenos econômicos ou sociais, todas as chamadas leis da economia e da sociedade, são produtos da ação humana, e, portanto, podem ser transformados por essa ação. Não são leis eternas, absolutas ou naturais. São leis que resultam da ação e da interação, da produção e da reprodução da sociedade pelos indivíduos e, portanto, podem ser transformadas pelos próprios indivíduos*”(LOWY,1988:14). Afirma Lowy“ *é a história social e econômica que nos dá a chave para compreender essas transformações profundas que se*

deram na história, na ideologia ou na utopia, seja religiosa, seja política ou filosófica, seja mesmo da ciência social, econômica ou política” (LOWY 1988:16). É preciso que as pessoas saibam que nem tudo está perdido - existem pequenos grupos, ainda que poucos, mas que investem em mudanças.

Vejo que cabe a nós estarmos ao lado desses grupos, como os sem-terra, por exemplo, onde “(...) *o trabalho coletivo é o ponto de partida e é ao trabalho que tudo que é aprendido retorna, pois se trata de uma educação para trabalhadores e trabalhadoras que têm orgulho de seu trabalho...*” (GARCIA, 1997:54).

É fundamental unirmos forças e juntos buscarmos soluções para a superação deste momento crucial que estamos vivendo. Penso que a valorização do ser humano, a solidariedade, não cega, nem puramente assistencialista, mas que aponte os valores que cada um possui e que estão submersos por muitos outros valores que não levam em conta o humano pode ser um passo, também. Sofremos as conseqüências do investimento e valoração mercantilista. O mercado, roubou o valor do ser que cada um traz dentro de si. O homem se fez máquina, robotizou a sua mente, mecanizou sua rotina diária. Deste modo:

“ a vida comunitária vai se transformando no estilo de vida narcísica pós-moderno, em que homens e mulheres vão perdendo a sua identidade nacional, local e familiar, sem chegarem a adquirir a desejada identidade cosmopolita. Rejeitando a identidade que vão sendo ensinados a desprezar, por anacrônica, condenam-se, ou melhor, são condenados aos frágeis elos de pertencimento a uma civilização cibernética global, incorporando um estilo de vida e padrões de consumo das minorias burguesas internacionais, das quais só se aproximam em suas fantasias e em sua negação de si mesmo” (GARCIA, 1997).

A esperança na mudança, na melhoria de qualidade de vida persiste...Duas comunidades, a partir das reflexões realizadas começaram a apresentar seus pequenos frutos, pois, *“ a libertação dos pequenos se realiza quando a partir de pequenos grupos em ações concretas começam a descobrir que são capazes de solucionar outros problemas” (FREIRE, 1982).*

Após reuniões e plenários, entre os seis grupos de reflexão, surge a necessidade de um local onde pudéssemos alfabetizar e dar reforço escolar às crianças. Algumas pessoas estão surgindo dispostas a partilhar seus dons e assim dar corpo e vida a essa obra, oferecendo-se para colaborar naquilo que elas sabem fazer.

Em um dos núcleos, jovens do local fizeram uma pesquisa para verificar porque as crianças estavam fora da escola. Essa pesquisa revelou-nos o seguinte: os pais saíam muito cedo para o trabalho e as crianças não acordavam para ir à

escola; se as crianças estudavam à tarde perdiam a hora porque iam brincar e quando percebiam já não dava mais tempo para ir à escola; outros diziam: “ *as crianças não aprendem mesmo então é melhor que fiquem em casa...*”; outras porque não gostavam de ir à escola; e havia, também, aquelas que não estavam matriculadas por falta de vagas na escola. Como afirma NEVES:

“ o ritmo e a direção assumidos pelo desenvolvimento do sistema educacional no Brasil foram delimitados pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, bem como pelo estágio de organização política alcançado pelas forças sociais em conflito na nossa sociedade ou seja, as manifestações concretas do binômio industrialismo/democracia que se constituem nos marcos delimitadores das mudanças qualitativas e quantitativas da educação nacional dos anos 30 até os dias de hoje. A exclusão e a discriminação da educação brasileira têm pois, determinações econômicas e políticas específicas de um capitalismo subdesenvolvido”(NEVES, 1997:20)

Como podemos observar a exclusão não nasceu hoje, ela é um “câncer” que vem paulatinamente devorando aqueles que não têm voz. Paradoxalmente, temos na Constituição de 1988, no Artigo 205: “ *A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho*”.

Quem são esses *todos* a quem se refere nossa Constituição? Que desenvolvimento social, se a camada popular não tem comida, não tem moradia,

não tem saúde, não tem transporte, lazer e, muito menos, *direito* à educação? Que cidadania é essa? Quanto à qualificação para o trabalho, este sempre foi o fim da educação para as classes populares - preparar para o trabalho, pois necessita-se de mão-de-obra e as pessoas “precisam aprender”, a lidar com as máquinas. Porém hoje, até o trabalho desapareceu...logo, para quê qualificação para o trabalho! É ainda NEVES que nos esclarece:

“sob as denominações de melhoria da qualidade de ensino, de autonomia da escola, de busca de parcerias e de flexibilização do ensino educacional neoliberal vai realizando mudanças na natureza e na organização do sistema educacional brasileiro que apontam, até então, para o aprofundamento da dicotomia entre educação para as massas e educação para as elites, reforçando o caráter de classe da nossa estrutura educacional, dentro de um patamar superior de racionalidade científica e tecnológica”.
(NEVES, 1998:102)

Como observamos, o direito de todos se restringe a níveis de escolarização para diferentes classes sociais. *“A Escola antecipa o fracasso social através do processo de seleção, rotulação, discriminação e exclusão, apesar de seu discurso democratizante. O fracasso Escolar vem sendo o primeiro degrau da escola para o fracasso social e para a manutenção de statu quo”* (GARCIA,1997:51). Esse modelo excludente não necessita de muitos . Por que se preocupar com a multidão que está à margem da sociedade? O desafio que se coloca, para quem está inconformado com esta situação, é o comprometimento

com os excluídos, com sua cruel realidade, contribuindo com o possível, mesmo que esse possível possa parecer uma “gota de água no oceano”.

No núcleo Nossa Senhora de Fátima , mediante o levantamento realizado dos motivos pelos quais as crianças não estavam na escola, a comunidade se comprometeu em avisar às crianças o momento de ir para a escola; em orientar os pais, sobre a época das matrículas para o próximo ano escolar.

A comunidade percebeu também, que na capela era possível iniciar a alfabetização com as crianças que estavam fora da escola, mesmo que fosse só aos sábados, porque as pessoas que se ofereceram para esse trabalho, trabalhavam durante a semana.

Paralelamente, em outro núcleo, o trabalho se iniciava com Adriana, uma adolescente de apenas 13 anos, filha de uma das líderes que, sensibilizada com a luta da mãe se colocou à disposição para ajudar no reforço escolar das crianças. Segundo ela, “ *queria fazer algo pelo seu povo, pois aprendeu com sua mãe a partilhar o que tinha com os outros*”.

Como podemos notar está inserido nessa menina o desejo de luta, de ver sua realidade transformada. Sofrendo na pele a opressão busca a libertação dos seus. Como afirma FREIRE:

“ a conscientização implica, portanto que, ao perceber-me oprimido, eu saiba que só me libertarei se transformar essa situação concreta em que me encontro oprimido, e que não posso transformar essa situação em minha cabeça, porque isso seria idealismo no sentido filosófico da palavra, seria cair em uma forma de pensar filosófica na qual a consciência “ cria realidade”. A conscientização implica esta inserção crítica no processo histórico de transformação”(FREIRE, 1979:97).

Adriana já vem adquirindo uma consciência crítica, pois já compreende que para uma pessoa ou um grupo começar um processo de libertação é necessário primeiro a tomada de consciência da situação de dependência que se encontra, pois é do processo de conscientização que “brota” a palavra com a qual as pessoas se pronunciam. Essa palavra, que brotou nesses grupos, sem dúvida nenhuma foi luta, transformação. Transformação que vem acontecendo a lentos passos, porém em caminhada. Podemos dizer que

“ esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos... Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar as duas partes” (FREIRE,1975:31).

Não podemos esquecer que o conhecimento ilumina a ação e para que haja ação é necessário união na contribuição pessoal e comunitária. A questão da ética, também se coloca, pois os oprimidos sabendo-se agentes responsáveis pela libertação, não podem libertar-se oprimindo os opressores e sim, levando-os a refletir sobre a sua realidade de opressores.

Para se chegar a essa consciência, que é ao mesmo tempo desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência... Para mim, foi necessário viver essa experiência para compreender que na prática, o que já sabia a nível teórico: *“ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam quando juntos pronunciam o mundo. Não há libertação sem comunidade”*. O mestre Freire tem toda razão, a comunidade é o local onde através da interação pessoal, há o enriquecimento de seus membros, através da ajuda diversificada que cada um pode oferecer. Posso dizer mais ainda, é o lugar onde há condições para a descoberta de si mesmo e da própria realidade. Foi na comunidade que me vi necessitada de novos conhecimentos, para melhor atender às necessidades do grupo. É onde o próprio grupo percebe que o outro é importante no processo de crescimento e desenvolvimento da

própria comunidade. É um processo dialético que enriquece a todos impulsionando para as novas conquistas.

Podemos afirmar que o CEJOLE nasceu no dia 10 de outubro de 1990, com três núcleos, pois na comunidade Nossa Senhora Aparecida, também começava a alfabetização das crianças.

O nome CEJOLE foi escolhido pelo povo durante um plenário. Tem como objetivo principal, estender a educação integral aos mais necessitados e desenvolver atividades de assistência social, promoção humana, assistência médica, profissionalizante, esportivas e culturais, de acordo com suas possibilidades. São desenvolvidas atividades tais como: reforço escolar, alfabetização, formação das monitoras, educação de jovens e adultos, pastoral da criança.

Em 1992 o CEJOLE (Centro Educacional Santa Joana de Lestonnac) atendia, diariamente, 150 crianças, distribuídas nos três núcleos: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida e Santa Joana(Itararé).

É importante registrar a assessoria pedagógica e administrativa da Fundação Fé e Alegria do Brasil - uma ONG (organização não governamental) comprometida com o movimento popular.

Na alfabetização de Adultos, contávamos com 4 salas de aula e um total de aproximadamente, 100 alunos. As turmas de alfabetização de Jovens e Adultos estão conveniadas com o CEPAF/MOVA (centro de educação popular Paulo Freire/ movimento de alfabetização de adultos) que também garantem assessoria pedagógica.

Em 1992, começaram a funcionar os clubes de mães, que têm como um dos objetivos a promoção da mulher.

A Coordenação geral do CEJOLE é feita por uma Religiosa, juntamente com a Diretoria, que é composta por integrantes dos três núcleos.

Por iniciativa dos moradores, especialmente das mulheres que participavam dos Círculos Bíblicos, as reivindicações junto à Prefeitura, começavam a surgir: abertura de ruas, asfalto, rede de esgoto e o término de uma Escola estadual que está parada há alguns anos. Buscavam também, a construção de creches e de uma

obra de assistência ao menor. Estão reivindicando à Prefeitura um terreno, e paralelamente, agariando fundos na base do suor, de festas e bazares beneficentes, rifas, etc...para a compra do terreno, caso a Prefeitura não os atenda.

Deste modo, o povo

“no meio de “tantas tendências e tantos rumos”, o povo-objeto (pobre, privado, injustiçado, ativo, explorado)tem que discernir sua caminhada de libertação das engrenagens sociais, políticas, econômicas e culturais que perpetuam sua marginalização e se tornar povo-sujeito de sua participação na história desta nação”.(O’GORMAN,1982:100).

A promoção humana vai se realizando a partir de ações simples, desenvolvidas pelo povo na solução de problemas bem concretos, como os buscados por estes grupos , o atendimento as suas necessidades básicas. O Frei Leonardo Boff em uma entrevista ao jornal do Brasil, diz que:

“ uma vez conscientizados e organizados, os pobres constituem - se numa grande força histórica, capaz de mudanças formidáveis na sociedade. Em termos pastorais, os pobres não são apenas evangelizados pela Igreja, eles também evangelizam toda a Igreja. São capazes de produção de bens eclesiais , de mudanças sociais, de transformação na história. Então, optar pelos pobres é associar - se a eles, unir- se às suas lutas, assumir sua ótica e, a partir dali, falar às demais classes sociais”.(In:O’Gorman,1982:191).

É grande a nossa alegria em presenciar tudo isso. Em meio a tantos sinais de morte, a vida vai despontando aqui e ali. Entre estes sinais de vida, ressalta a percepção de que cada uma dessas pessoas podem ser agente de sua própria transformação.

Durante o período de constituição do CEJOLE até hoje, vários desafios foram enfrentados. Inicialmente, era estimular as crianças a desenvolverem seu raciocínio a gostar da escola, a valorizar a aprendizagem, ou seja, articular o que aprendem na escola com a própria vida, fora da escola.

Muitas destas crianças apesar de já estarem cursando a 2^a. ou 3^a. séries, não reconheciam sequer as letras do próprio nome. Estavam nestas séries porque tinham sido promovidos de série devido à idade e não porque tinham conhecimento suficiente para serem aprovados de uma série para outra. Como explica GARCIA:

“ Quando as crianças não compreendem sequer a importância de aprender a ler e a escrever, dificilmente chegarão a compreender o valor do conhecimento. Não terão, por conseguinte, qualquer razão para aprender o que a escola afirma ser tão importante, embora não consiga explicar a razão da importância apregoada. No entanto, todas as teorias pedagógicas nos dizem ser no início da escolaridade que as crianças aprendem a aprender e aprendem sobretudo o sentido e o prazer de conhecer. Como podem chegar a descobrir o sentido do conhecimento e o prazer de aprender, quem fracassa na primeira tentativa, que é a alfabetização? Como pode chegar a aprender quem não vê sentido no que insistem em lhe ensinar?” (GARCIA, 1997:49).

Este é um grande problema em nossas escolas. O professor acredita, por que em sua formação foi assim que aprendeu, que tem que “dar” todo o conteúdo exigido e nem sempre este conteúdo é compreendido pelo aluno, que simplesmente copia em seu caderno sem ao menos saber do que se trata. O conteúdo foi “dado”, a missão cumprida. Será que foi mesmo? Por que o professor se preocupa tanto com o “cumprimento” do planejamento e se esquece do que realmente o aluno aprendeu ? Se compreendeu o que foi ensinado ? Se consegue fazer ligação do apreendido com a sua própria realidade ?.

Observar que as crianças, que há tanto tempo freqüentam a escola e não reconhecem a letra do próprio nome, fez com que as monitoras do CEJOLE procurassem apoio nas pedagogias de Paulo Freire, Emilia Ferreiro e Freinet. Perceberam, também, que a melhor forma de aprendizagem se dá, a partir do momento em que as crianças percebem que alguém se interessa por elas e que sua escrita independente de estar de acordo com a norma culta, tem muito valor. Quando a criança se sente valorizada, redescobre o sentido da vida, da dignidade humana. Sabendo -se pessoa, sujeito de seu conhecimento, volta a se interessar pelo saber, e conseqüentemente, pela escola.

As pedagogias usadas, vão aos poucos despertando e libertando as crianças, que começam a expressar seu saber, escrevendo como “sabem”. Em relação à significação dos textos produzidos espontaneamente pelas crianças, FERREIRO nos esclarece,

“ há momentos em que as crianças parecem estar trabalhando estritamente sobre aspectos formais da construção, sem se preocuparem em absoluto com o significado da mesma. Quando não dominam as formas, existem momentos- talvez muito breves - de trabalho exclusivamente formal (...) Existem aspectos do sistema de escrita que podem mudar sem afetar a natureza alfabética do sistema de representação. Por exemplo, a forma de nossas letras podem variar e isso não afeta a natureza do sistema; a orientação da escrita(da esquerda para a direita com relação à linha de cima para baixo com relação à página) também pode mudar sem modificar a natureza alfabética do sistema. Um sistema alfabético não se define pelo fato de usar certas marcas. O essencial para distinguir uma representação alfabética de outras reside em saber de que maneira representa a linguagem e como a representa, o que não tem nada a ver com a forma das letras, com a orientação espacial dos signos com as grafias adicionais especiais; etc.”(FERREIRO, 1990).

Narra uma monitora, que após uma aula passeio foram fazer registro da mesma e uma criança com “dificuldade” de escrita, pois, segundo a própria monitora só sabia as sílabas “fáceis”, não conseguia registrar seu pensamento. Perguntou então à monitora se não podia escrever a história que a professora tinha escrito na escola. Sendo questionado do porque de não narrar o passeio, este respondeu que não sabia como escrever o *brin*, pois queria escrever: “ *nós brincamos ...*”. Foi orientado para escrever como ele sabia, pois o que importava

era que ele expressasse seu pensamento. A criança registrou a experiência vivida e leu o que escreveu para a turma. Apesar de não ter escrito de um modo que todos pudessem compreender, não estava mais bloqueado para seu processo de aprendizagem. A criança ficou tão feliz, que a partir de então passou a acreditar que era capaz e que podia aprender a ler e escrever e ... aprendeu. Este é um exemplo claro do que narrou acima Ferreiro.

Frente à calamidade em que se encontra nossas escolas, resta-nos questionar: estão as professoras preparados para trabalharem com crianças das camadas populares? Como sermos educadores/educadoras se não desenvolvemos em nós a indispensável amorosidade pelas crianças com as quais trabalhamos? O que seria indispensável à formação do professor para que pudesse sair desta lastimável situação em que se encontra? Como construir uma prática que leve em conta o aluno e não apenas o conteúdo? Não estará o professor simplesmente reproduzindo o que aprendeu? É necessário que haja reflexão crítica sobre a nossa prática para que ela não se torne puramente um ato de ativismo e, para que ocorra uma formação docente crítica é necessário que o próprio educando tenha consciência de seu papel enquanto sujeito e *“se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua*

produção ou construção”(FREIRE,1996:25). Neste sentido, a pesquisa deve ser algo constante na vida do educador/educando, por ser através dela que vamos alimentando nossas curiosidades e estimulando nossa sede de aprender e ensinar; onde vamos também criando uma consciência crítica, consciência esta que deve levar sempre em consideração o saber comum, porém sem deixar de estimular a capacidade crítica do educando. Respeitando o senso comum, mas também não deixar de conduzir os educandos principalmente das classes populares, a refletirem sobre sua realidade, por exemplo de como se encontra o seu bairro; se existe lixo nas ruas ou se mesmo existem ruas; se correm esgotos abertos pelas ruas; conforme a realidade de muitas favelas. É fundamental refletir sobre o porquê desta situação não ocorrer em bairros de pessoas ricas. Estando conscientes de tal situação, é possível comparar, intervir, decidir e tentar romper com esta realidade. Como afirma RODRIGUES, “ *preparar o homem cidadão significa, dotá-lo de condições de conhecimento de condições de fazer sua própria opção de definir as diretrizes de sua vida, de analisar e julgar os que decidem em seu nome. Torná-lo capaz , enfim, de compreender a realidade do mundo moderno*”. Rodrigues enfatiza ainda que, “ *a escola tem que preparar o cidadão para o exercício pleno da cidadania, que corresponde à capacidade de analisar e compreender a realidade, criticá-la e atuar sobre ela, enfim, de*

adquirir o senso de liberdade”(RODRIGUES,1986:65). A educação neste sentido é básica para que o cidadão exerça a cidadania, e que esse exercício de cidadania seja vivenciado a partir dos primeiros passos dentro da escola.

Sabemos que a educação sozinha não resolve nada; porém se articulada com outros segmentos da sociedade é possível a consolidação das transformações desejadas. No entanto, para que isso ocorra, é necessário que a escola participe ativamente da formação do cidadão, fornecendo uma base sólida de conhecimentos gerais, no desenvolvimento de projetos educativos que dêem oportunidades à vivência de relações sociais. A formação de indivíduos com vontade política, consciência crítica dos próprios objetivos e visualização de seus direitos e deveres, é uma tarefa da educação e, como sabemos, nem sempre esta tarefa é realizada. Se a escola é um espaço privilegiado para a conquista e exercício da cidadania, como explicar então a situação depravante em que vivem as classes empobrecidas: falta-lhes escola! E não é só isso. Falta uma boa formação para o próprio educador, que ainda não consegue articular prática pedagógica com os movimentos da sociedade civil. Este problema é um desafio que com certeza exigirá novas estratégias na formação deste profissional da educação. KRAMER, esclarece que *“é preciso trabalhar as áreas do*

conhecimento sem ser na perspectiva de recuperar a formação precária do professor. Garantir o acesso a livros, filmes, peças teatrais, museus e laboratórios, deve ser uma função permanente das escolas de formação de professor de tal maneira que eles possam se apropriar desses conhecimentos”.

(KRAMER,1995:8). O professor precisa ampliar seus conhecimentos para poder ser um agente transformador das classes oprimidas, ou seja, é necessário que ele tenha um conhecimento ampliado para compreender o mundo em seus diversos aspectos - culturais, econômicos, sociais, políticos, etc... É preciso que o educador tenha prazer em conhecer, pois o conhecimento serve também, para cultivar as pessoas, torná-las mais importantes e felizes.

É preciso também criar espaços para reflexão coletiva sobre a prática profissional; participar das associações e entidades de classes; lutar pela definição de uma política educacional, para que haja melhores salários, melhor formação, instalações e equipamentos adequados às necessidades locais; lutar pela autonomia pedagógica para ajudar ao educando compreender a sua realidade, enfim, fazer do programa um meio e não um fim.

O educador que tem uma visão de escola articulada com a transformação social, precisa se comprometer a colaborar no desenvolvimento de uma percepção

crítica da realidade, do mundo que o cerca para o exercício da reflexão/ação como afirma SAMPAIO *“a partir da discussão da prática pedagógica, a teoria é introduzida, possibilitando ao grupo de professores ir avançando na compreensão crítica dessas situações num processo permanente de partir da prática, teorizar sobre ela e voltar à prática para transformá-la. Dessa forma efetiva-se um movimento para que as crianças de fato avance na apropriação e construção de novos conhecimentos(...). O movimento é no sentido de que as professoras possam compreender a teoria que está subjacente ao seu fazer cotidiano, confrontando novas teorias que permitam um novo olhar e, conseqüentemente, a construção coletiva de uma nova prática pedagógica”*(SAMPALIO,1993:31). Ao contrário, quando o processo de ensinar - aprender tem como referência a mera transmissão do conteúdo, estamos negando ao outro a capacidade de demonstrar seu saber e estamos nos colocando como donos desse saber, esquecendo, de que somos seres inacabados, pois nunca estamos totalmente prontos. O fato de me perceber no mundo diz Paulo Freire, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face com o mundo que não é de que nada tem a ver com ele. Afinal minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta e, sim, de quem se insere nele. É a posição de luta para não ser apenas *objeto*, mas *sujeito*, também da história. Se temos a consciência

da importância de sermos inseridos(as) no mundo em busca de transformação, onde ninguém é dono do saber, devemos então, reconhecer a dignidade e a identidade do educando levando em consideração sua realidade, respeitando-o e sendo exemplo. Ensinar não é, entrar na sala de aula e encher o quadro de conteúdo, é acima de tudo, conscientizar sobre a luta pela dignidade humana, pela vida e por seu espaço físico na sociedade. Pois é nosso dever desafiar os grupos populares para que percebam em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Temos a obrigação de desmitificar essa visão de que sua situação é “destino certo” ou “vontade de Deus”, algo que não pode ser mudado. É preciso que as classes populares aprendam a fazer a releitura do mundo excludente e o que mantém essa exclusão, tendo a possibilidade de sair do conformismo em que se encontram. Como afirma

Madalena Freire:

“a formação do professor é algo que deve ser construído com muita paciência, passo a passo. A paciência de um educador que envolve na formação de outro educador é essencial, para que esse outro educador, pouco a pouco, vá aprendendo a discutir coletivamente sua própria prática, e vá aprendendo a crer em si mesmo como construtor desse processo. Construir o educador como responsável por sua prática - e, portanto como sujeito - é algo que se dá como processo histórico, lento porém durável”.(FREIRE, 1990:24).

Neste sentido, ensinar e aprender é estar aberto(a) para acolher o que cada uma trás, para juntas descortinarmos as indagações, as curiosidades, o senso crítico e a criatividade que cada um (a) carrega dentro de si.

Por ser o conhecimento uma forte arma de poder e, portanto quem a possui tem a possibilidade de exercer influência na sociedade, resta nos questionarmos qual é o tipo de conhecimento que os alunos e professores vêm recebendo? Que qualidade desejamos para nossa educação? O que podemos fazer a nível geral para concretizá-la? Que compromisso assumimos para a construção de uma nova qualidade na educação? Pois também somos, enquanto professores e alunos, os responsáveis por uma sociedade mais justa. Como afirmou Santo Tomás:

“ o homem não está ordenado à comunidade política segundo todo seu ser e segundo tudo que é seu (...) A qualidade da cidade (sociedade) depende da qualidade do cidadão. Assim cidade só pode estar bem se os cidadãos assim estiverem”. (In: MOURA, 1995:89)

Podemos então dizer que a educação tem como desafio, educar na diversidade, numa perspectiva solidária, buscando a cidadania numa consciência crítica, política, participativa e efetiva na luta para construção de estruturas sociais mais justas. *“A educação deve possibilitar a descoberta das diferenças e evidenciar as relações desiguais e injustas que possibilitam a existência de uns*

e outros. Sem a percepção e a consciência dessa relação “necessária”, e sem que mostrem e se iluminem as mistificações e as ocultações desse processo educativo que queira, verdadeiramente, levar os educandos a uma libertação pessoal e social e a transformação que garantem uma sociedade justa e igualitária”.(Caderno da AEC do Brasil, no.55,1995) A construção da cidadania ocorre então, no movimento de uma ação que nos leva a buscarmos uma identidade nacional, uma responsabilidade pelo bem comum. Vale ainda dizer, que a essência da educação precisa estar compromissada a fazer avançar em conjunto, valores de liberdade, de defesa dos direitos humanos, de democracia e de valorização da cidadania, levando em consideração que a conquista de “regime democrático e de direito” é parte, fruto e processo de sua constituição; sendo necessário que se faça uma revisão na relação tradicional entre Educação, cidadania e participação política. SANTOS, explica que “ *o exercício da cidadania supõe, sobretudo, a possibilidade de o indivíduo participar das diferentes esferas da vida pública. Para isso, é necessário que o jovem seja capaz de refletir, emitir julgamentos e se posicionar diante dos diferentes problemas de sua vida pessoal e social. Neste sentido, é importante que a escola desenvolva em seus alunos habilidades de pensamento crítico, incluindo a capacidade de analisar e solucionar problemas. Seria ainda de fundamental*

importância que nessa escola fossem formados valores sociais de respeito ao homem e a natureza, valores que orientassem os jovens no sentido à vida humana e às diferenças culturais. Valores, enfim, que impeçam os jovens de chegarem aonde chegaram os cinco rapazes de Brasília que em 20 de abril de 1997, jogaram álcool e atearam fogo no índio Galdino Jesus dos Santos . Há códigos éticos que permitem ao jovem distinguir o indivíduo do coletivo e o público do privado. É preciso, ainda, que ele saiba conviver com normas que valorizam o homem e o bem - estar social” (SANTOS, 1997). Repensar a escola, torna-se algo necessário, para que o diálogo e o questionamento tenham seu lugar garantido, definindo assim, programas de ação, currículos adequados e professores formados numa visão crítica. Somente assim, será possível resgatar o verdadeiro sentido de um processo educacional, voltado para a recuperação dos direitos à cidadania que cabe a todos os cidadãos. Esta conscientização se dá através de uma educação libertadora, baseada na ética, que busca não o nivelamento dos cidadãos e sim condições de uma vida mais justa para todos. Porque enquanto existir miséria, fome, analfabetos, sem-terras, não é possível haver fraternidade. A fraternidade ocorre quando se respeita o outro e o que lhe pertence.

“ser solidário significa se colocar no lugar do outro, daqueles que são as maiores vítimas dos processos sociais de exclusão, as minorias étnicas, as mulheres, pobres, as gerações futuras e a natureza, que também vítima da ação humana. Colocando-se no lugar dos mais fracos e lutando pela garantia de seus direitos estamos, ao mesmo tempo, denunciando a moral do sistema capitalista percebida como sendo “a” realidade e demonstrando na prática que é possível construir sociedade melhores que esta”.(SUNG,1995:114).

Procurando ser solidário uns com os outros, foi que o CEJOLE se ampliou, pois cada dia novas necessidades vêm surgindo. Os pais das crianças ao perceberem seu desenvolvimento, na escrita, e até mudanças comportamentais, também sentiram o desejo de se alfabetizarem, pois, muitos nunca tinham entrado em uma sala de aula. Como afirma GARCIA :

“Em toda parte do mundo os analfabetos são sempre os filhos de analfabetos ou semi-analfabetos. Filhos daqueles que, ou jamais foram à escola, ou na escola, ao invés de aprenderem a ler , escrever e contar(pelo menos), aprenderam serem incapazes de aprender. São, em suma, filhos e filhas, irmãos e irmãs dos que fracassaram na escola e que na escola aprenderam ser sua responsabilidade por seu próprio fracasso”.(GARCIA,1997:49).

Como sabemos o analfabetismo é um dos mais graves problemas enfrentados em toda América Latina e, principalmente, no Brasil, onde 51 % da população não é alfabetizada. Não foram poucas as Campanhas que esse país já atravessou, sem contar com os gastos público em materiais pedagógicos que nem sempre são usados. Por quais razões então, ainda não acabamos com o

analfabetismo no Brasil, se desde 1860 estas Campanhas estão em movimento constante?

É notório que elas desde o início não estão preocupadas com o analfabetismo no Brasil e, sim, em promoção política partidária. Basta pegarmos como base a primeira destas Campanhas, que nasceu com o objetivo de preparar o povo devido as mudanças que iriam ocorrer em decorrência do surto de progresso na regência de D. Pedro II, que ao perceber o crescimento da Nação e as mutações na sociedade, ofereceu aos escravos algumas instruções, para que estes entendessem melhor seus direitos e deveres, devido aos costumes diferenciados, ou seja, era preciso que o povo entendesse quem mandava ali e como iria funcionar. Não foi diferente no decorrer de todas as outras Campanhas.

Sabemos que a chave para solucionar este problema está centrada em três pontos básicos: uma modificação no que se relaciona a ideologia - alfabetização é um problema não de ordem exclusivamente metodológica, mas, substancialmente, política, social e econômica. Podemos dizer então, que enquanto não tivermos movimentos que se predisponham mesmo a Alfabetizar e enquanto por trás de cada Campanha houver interesses políticos no sentido de se fazer Campanhas eleitoreiras, a causa do fracasso escolar, irá se reportar a questão do método, do

aluno ou do professor, Alfabetizar não é um mero ensino de bê-a-bá, mas exige conhecimento. É, acima de tudo, uma função social - e que devemos nos capacitar também no que se relaciona ao conhecimento técnico e metodológico. Ainda hoje a visão de alfabetização do início do século permeia os bancos de nossas salas de aula. Alfabetizar adultos é nada mais, nada menos do que utilizar recursos artificiais...; Há que se modificar a concepção de “ensinar- aprender” enquanto ato ingênuo ou neutro - pois sabemos que nenhuma prática pedagógica é neutra. Sempre está imbuída de uma ideologia, seja ela qual for. Como afirma BOURDIEU:

“A ação pedagógica (AP) implica o trabalho pedagógico (TP) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isso é um HABITUS como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural, capaz de perpetuar-se após a cessação a AP e por isso perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado”.(BOURDIEU,1975).

Acreditamos que a questão do analfabetismo, poderá ser respondido quando nós educadores(as) estivermos realmente convencidos(das) conscientemente da importância do ATO DE LER, assim, nossa realidade com certeza será outra, pois compreenderemos, que a leitura da palavra e a leitura do mundo se complementam, e é indispensável para ser CIDADÃO.

Quando a alfabetização for vista de fato como um ato POLÍTICO, com certeza a educação sairá deste momento de escuridão em que se encontra, fazendo do educando um sujeito criador. Alunos e professores não serão pessoas distintas neste processo de aprendizagem e, sim, COMPLEMENTARIEDADE. Devemos no entanto aprender com as experiências anteriores, e sairmos da ignorância do passado para aprimorarmos o presente e superarmos o futuro. Sabemos que é necessário muitas somas para respondermos à estas questões, mas, se somarmos principalmente bons salários, bons professores, bons cursos profissionalizantes, conhecimentos técnicos, política + educação, senso crítico e por fim humildade, é bem provável que atingiremos a meta.

É incrível o sentido da vida que a pessoa adquire, quando percebe que pode mudar, que é possível quebrar os paradigmas existentes e conquistar seu espaço.

Para nós Religiosas, a educação e a evangelização estão tão intrínsecas que não dá para separar. Pois evangelizar para nós é buscar a libertação do homem e da mulher que são vítimas de todos os traumas e condicionamentos interiores e exteriores, de toda escravidão imposta pela sociedade dominante; é a reabilitação da pessoa, de sua dignidade, para que ela perceba que é mais importante do que qualquer estrutura social, econômica, política etc.... Sabemos que a pessoa tem

que se reabilitar para lutar por sua própria vida, e buscar assim sua independência. Enquanto o homem, a mulher se sentirem inúteis, desequilibrados, desiludidos, fracassados, eles não podem ser apoio uns para os outros. É necessário antes, despertar nestas pessoas a capacidade de se levantarem, de saírem da marginalização, da incapacidade, da neutralidade humana para serem alguém com potencialidade própria. É notório, que entre tantos discriminados, marginalizados, excluídos, a mulher tem uma representação marcante, pois é vítima de uma sociedade machista. Assim, lutar pela libertação de tantas situações preconceituosas é papel de todos nós. É esta Evangelização que a Igreja nos pede; uma Evangelização que devolva ao ser humano seu verdadeiro valor, sua potencialidade, sua capacidade de ser pessoa. “Estender a mão” ao próximo, não quer dizer que devemos simplesmente “oferecer pão” para os mais necessitados, é acima de tudo, fazê-los sentir capazes deles mesmos, conquistar seu ganha - pão, ou seja, não é “pescar para eles, mas ensiná-los a pescar”.

Dom Moreli (1995), nos diz que a solidariedade no resgate da dignidade humana haverá de se manifestar em múltiplas e variadas formas de partilha, desde ações comunitárias nos bairros até se atingir a esfera internacional. Sabemos que

a educação se encaixa nestas variadas formas, pois a educação para cidadania transcende à realidade do seu cotidiano.

O que é a educação popular ? Ela não responde a estas mesmas necessidades?. Podemos observar, através do depoimento de alguns alunos da Educação de Adultos, no CEJOLE, esse processo.

“ Eu não sabia escrever o nome. Agora sei como votar; para pegar o ônibus não preciso mais perguntar..., até respondo algumas perguntas. Recebia o pagamento e nem sabia ver o tanto de desconto, adiantou bastante. Só tenho dificuldade em letra de mão “y e w”... Sei escrever o nome da família. Ajudou também a tirar a timidez. Ajuda em termos de amizade. Agora leio jornal nas bancas, assinava bem nervoso, agora assino com tranqüilidade. Deu para ter consciência maior da pobreza, da miséria... É errado a pessoa faltar, pensar que não aprende. Meu irmão, comprou um carro e eu soube ler o documento e falei que se ele não tivesse faltado estaria como eu”.(aluno da alfabetização de adultos)

“Nunca tinha freqüentado escola, não sabia ler nada e nem escrever, só tinha muita vontade. Não sabia identificar um “ é ”, Iranete pegava na minha mão para eu fazer um “a” e mesmo assim não conseguia. Nunca tive nada na vida mais importante que conhecer o CEJOLE. As aulas ajudaram a desenvolver mais em todo sentido. Queria ter mais tempo para dedicar mais a entidade, ajudar na merenda das crianças... A leitura me ajudou a olhar os preços, preencher ficha, não preciso mais assinar com o dedo. Escolho coisas no super mercado, voto direitinho... em outros assuntos aprendi mais ainda, fiz pesquisa sobre a fome, o posto de saúde(reivindicações); aprendi a ler; senti que precisava disso muito, se conseguir ir para frente vou aprender mais ainda”.(aluna - Alfabetização de adultos).

“No CEJOLE fala bastante coisas, eu sei que desenvolvi mais um pouco, que antigamente a gente tinha vergonha de falar, de chegar no meio dos outros, conversar, explicar as coisas. Agora, não tenho mais, perdi o medo”. (aluna - Alfabetização de adultos).

Como podemos observar estas pessoas estavam sedentas de saber, de serem reconhecidas como cidadãos, de estudarem, de cumprirem seus deveres ... Uma coisa que nos chamou a atenção é o desejo de “votar certo”; de “conversar com qualquer um”; de “ter amizades”, de “se sentirem importantes”. Elas se sentem restauradas por um esforço delas mesmas. As relações com a sociedade, com a família é motivo de vida.

Frente a falta de conscientização de suas potencialidades, a classe popular se encontra encurralada nesta sociedade que a marginaliza, exclui e tutela, tirando-lhe o direito de viver como sujeito, cidadão consciente de seus direitos e deveres. A lógica neoliberal produz a cada dia mais e mais excluídos. O que importa não é a necessidade das pessoas e, sim, o consumo da mercadoria; cidadão passa a ser aquele que é capaz de consumir. Sabemos que ninguém vive sem o bem material, porém ele não pode tomar o lugar das pessoas. O desafio é mantê-lo em seu lugar de mero instrumento, por mais indispensável que seja. O que estamos observando é o contrário, o homem não está trabalhando para a sobrevivência e sim sobrevivendo para o trabalho, os que ainda têm trabalho!

Como afirma SUNG:

“Na medida em que esta realidade social é aceita como “a” realidade, como única possível, acaba gerando conformidade nas pessoas e um certo sentimento de segurança. E o sofrimento, a miséria e a morte dos excluídos do mercado são visto e legitimados como “sacrifícios necessários” para o progresso econômico da sociedade”. (SUNG 1995:61)

É contra esse tipo de legalidade, que eticamente somos levadas a lutar, buscando uma sociedade mais humana, onde as pessoas possam ter uma vida mais digna, justa e fraterna. Para que isso aconteça, é necessário que o mercado funcione “decentemente” e não como único regulador da economia da sociedade, servindo às elites e oferecendo ao operariado um salário mínimo tão miserável que exclui os trabalhadores de toda participação da sociedade como cidadão, e o fazem viver como escravos desse sistema.

Este quadro é ao mesmo tempo desafiante e incentivador. Cabe questionar: até que ponto nós - educadoras religiosas - estamos realmente preparadas para sermos agentes de transformação no meio popular? Será que nós estamos realmente sendo reabilitadoras das pessoas quando tentamos resolver os problemas a nosso modo, mesmo pensando ser o melhor para eles? Estamos conscientes, quando ingressamos no meio do povo, dos fatores que causam a opressão, exclusão, marginalização, para sermos instrumentos de conscientização de tal situação, sem sermos promotoras de uma cidadania assistida? Até que

ponto a rotatividade que acontece entre nós, religiosas, no meio popular não prejudica a caminhada do povo?

Sabemos que a formação religiosa ajuda muito, mas não é suficiente para enfrentar esse desafio. A formação acadêmica juntamente com a formação religiosa e o ardor pela missão, a amorosidade pelo povo, a insatisfação pela situação de opressão, injustiça e exclusão são fatores essenciais para um trabalho emancipatório no meio popular. Como esclarece DEMO :

“ O processo emancipatório constitui um fenômeno profundo e complexo, de teor tipicamente político, e que supõe, concretamente, a formação de um tipo de competência, ou seja, de saber fazer-se sujeito histórico capaz de pensar e conduzir seu destino. Assim, no início está a contestação ou a consciência crítica. Tudo começa com a capacidade e a coragem de dizer Não. Não à condição de massa de manobra. Não à manipulação imposta pelas elites. Não aos governos clientelista e corruptos. Não ao Estado tutelar e assistencialista. Não à pobreza política e material” (DEMO, 1995:133).

“ Uma ação solidária é necessariamente uma ação coletiva que se expressa atualmente nos movimentos sociais em defesa dos mais fracos - movimento pelos direitos humanos, ecológicos, de mulheres, índios, de combate à fome e tantos outros que se baseiam numa nova ética social, a ética solidária” (Sung)

IV - COMO ESTÁ O CEJOLE HOJE

O CEJOLE conforme já foi dito, surgiu a partir do interesse da população, tendo como proposta, resgatar a cidadania e a dignidade da pessoa humana, através da educação, envolvendo crianças, adolescentes, mulheres, famílias, procurando criar um grupo de geração de renda.

Tem como objetivo geral estender a Educação integral às classes excluídas e desenvolver atividades de assistência social, promoção humana, assistência médica, profissionalização esportiva e cultural.

Tem como objetivos específicos a promoção de atividades pedagógicas e bio-psicossocial com crianças de 06 a 14 anos de idade através de: orientação de estudos; educação física; trabalhos manuais; capoeira; desenvolvimento do senso crítico e sua sociabilidade; proporcionar atendimento psicológico àqueles que necessitam e estejam abertos a aceitarem o tratamento; valorização e respeito da cultura e saber dos moradores do bairro, visando que sejam sujeitos responsáveis pelo andamento da Obra; trabalho com equipes multi profissionais.

No Núcleo Santa Joana, antigo Itararé, na pré-escola, são atendidas 30 crianças com idade de 06 anos e 11 meses. Tem o objetivo de desenvolver integralmente atividades que expressem sua criatividade, desenvolvendo o senso crítico, trabalhar sua sociabilidade e ingresso na Escola. No Reforço escolar, são atendidas 35 crianças de 10 a 14 anos de idade. Este trabalho visa desenvolver atividades como complementação escolar, práticas esportivas, teatro, artes, educação física, atendimento psicológico, alimentação e reunião pedagógicas com a família. A Alfabetização de adultos, desenvolve atividades com um grupo de 36 pessoas.

O Núcleo Nossa Senhora Aparecida, no Reforço escolar, atende 40 crianças de 7 a 14 anos de idade, com os mesmos objetivos e as mesmas práticas pedagógicas do Núcleo Santa Joana, tendo a mais só a aula de capoeira.

O Setor psicológico funciona com duas profissionais, e tem como objetivo, desenvolver os aspectos bio - psíquico social da criança e da família. Estão sendo feitos contatos com a Faculdade Paulista a fim de conseguirmos estagiárias, nesta área, devido a grande necessidade de ampliar os atendimentos.

O **Setor social**, está composto pelos clubes de mães, tendo como objetivo, desenvolver atividades manuais e cursos de profissionalização; o coral infantil, que tem como objetivo proporcionar atividades artísticas, desenvolver talentos e fazer integração destas crianças no bairro. É coordenado por uma professora de música que também ensina as crianças a confeccionarem os instrumentos. É formado por crianças de 10 a 12 anos de idade. A pastoral da criança, tem como objetivo acompanhar a criança no seu processo de crescimento desde o ventre materno, ajudando no combate à desnutrição. São oferecidas orientações para as mães, nos diversos aspectos que possam ajudá-la no dia a dia; o ticket de leite, tem como objetivo prestar atendimento às famílias de baixa renda. O leite é oferecido pelo Estado, o Núcleo só distribui para as famílias cadastradas, sendo atendidas, aproximadamente 150 famílias.

O **Serviço Social**, tem como objetivo desenvolver um trabalho mais sistematizado na área social, através de orientação e acompanhamento às famílias das crianças do CEJOLE; Sistematizar o Serviço Social; regularizar a documentação da entidade e das crianças; criar espaço para estagiárias; administrar recursos humanos, econômicos, elaborar e avaliar os projetos sociais e formação das monitoras.

Como podemos observar o CEJOLE cresceu bastante e com o desenvolvimento os desafios também aumentaram. Fazer as famílias entenderem que um tratamento psicológico não é para quem está doido, é uma tarefa difícil. No princípio muitas diziam *“não vou mandar meu filho na psicóloga pois ele não é louco”!* ou ao contrário, *“ meu filho tem que ir mesmo, pois ele é maluquinho!”*.

O primeiro trabalho foi apresentarmos uma outra concepção, trabalhando com as próprias crianças, com atividades que lhes proporcionavam prazer e apresentavam uma nova idéia do que realmente seja um acompanhamento psicológico. Como afirma JOSÉ:

“ a medida que a criança cresce, seu autoconceito e o conhecimento que ela tem de si mesmo vão se estabelecendo. A maneira pela qual ela se vê, o jeito pelo qual ela se sente, irão influir muito em tudo que ela faz e, basicamente, em sua capacidade de aprendizagem. Se ela não tiver fé em si mesmo, se julgar-se inferior aos outros, não terá motivação para aprender. Não conseguirá interessar-se por nada, achando de antemão que irá fracassar. Com medo do fracasso, a criança nem tenta um novo comportamento; ou então toma atitudes inadequadas, num esforço de mostrar aos outros que é alguém”.(JOSÉ, 1996:15)

Realizar uma atividade que desperta na criança sua auto-estima não torna uma atividade difícil, pois ela deseja ser admirada e aceita pelos outros, só precisa ter uma chance. No princípio, a proposta era trabalhar também com as monitoras,

mas esta necessidade não era vista pelas mesmas e, como para um trabalho psíquico se faz necessário a iniciativa pessoal, o atendimento se restringiu apenas às crianças. Pudemos constatar que a Psicologia é uma Ciência desconhecida no meio popular. Atualmente, este trabalho ganhou confiabilidade, se desenvolveu bastante. Está atendendo pais, monitoras e alunos.

Como nem tudo é “glória”, o Núcleo Nossa Senhora de Fátima foi desativado este ano. A violência aumentou muito e as gangues estavam assaltando o Núcleo para roubar os utensílios que eram usados no atendimento às crianças. As crianças irão para o Núcleo Santa Joana, que é o mais próximo. Isso nos entristece, e ao mesmo tempo nos questionamos, como apesar da violência, continuarmos o trabalho nesta comunidade? É um desafio que não podemos deixar de lado, mas também não podemos colocar em risco as pessoas da comunidade. Eles arrombam as portas. As pessoas da comunidade consertam-na e eles fazem novamente. É inviável manter pelo menos agora, o Núcleo aberto. Como os fatores sociais têm influência na vida das pessoas...É lamentável que, muitas vezes, seja tão negativo...Sabemos que isso também não é o fim e sim um momento para refletirmos sobre nossa sociedade, o grau da violência a qual chegamos e nos questionarmos por que chegamos a este estado degradante ? Qual

é nossa contribuição para melhorar esta situação? Ou também achamos que é uma coisa normal? Estamos adormecidos frente a tantas situações de injustiça, descaso, impunidades? Qual a nossa contribuição para esta catástrofe?

“Cada vez mais gente é expulsa da sociedade civil e retorna ao “estado da natureza”, que é o estado da necessidade, marcado pela exclusão. Diminui o espaço coberto por qualquer forma de contrato social. Legiões de adultos perdem, de forma irreversível, direitos já conquistados - inclusive o mais básico deles, o direito ao trabalho - , enquanto legiões de jovens deixam a adolescência sem terem tido a capacitação necessária para se inserir no universo contemporâneo de trabalho e da cultura. Grande número de pessoas passa a viver sem identidade social definida. A noção de direitos e de deveres se enfraquece.”(BENJAMIN,1998:14)

É necessário uma educação de qualidade, comprometida com diversidade, garantindo a possibilidade de uma perspectiva solidária. Há de se rever esta situação para que possamos ter respostas para tantas perguntas. Ninguém se faz cidadão sozinho, o meio é fundamental. Sinto que está faltando “espírito de cidadania” na sociedade, está faltando respeito, está faltando fé que fundamente e dê esperança para as pessoas. Muitos se *esqueceram de Deus* e pensam que não precisam Dele. Por isso o mundo está tão pobre de fraternidade, de justiça, de confiança, de amor ao próximo. E sem confiança, esperança e amor, o mundo não caminha, pois o egoísmo nos isola e sozinhos não podemos e nem fazemos absolutamente *nada*, nem por nós nem por ninguém.

Enquanto não nos conscientizarmos de que o ser humano é mais importante do que o capitalismo desenfreado que nos deixa imersos em nosso egoísmo, cegos às necessidades de nosso próximo, não faremos absolutamente nada. É preciso acordarmos e nos conscientizarmos de que existe um sistema opressor sim, mas que podemos tentar ir contra seus preceitos, procurando romper as barreiras, buscando o respeito mútuo; estando a par de que *“ninguém liberta ninguém, ninguém liberta sozinho, a libertação se dá em grupo”*(FREIRE). Grupo consciente, ativo e fraterno, onde o respeito à vida e aos pertences do outro tenha seu lugar. Ser utópicos nos tira da inércia que nos encontramos. A utopia nos impulsiona a dar um passo ao novo, ao que nos desafia. Sem utopia não há esperança. Esperança em um mundo mais solidário e menos solitário. Onde o vencedor, com certeza, não será os que têm o poder e sim os que têm: fé, esperança, confiança, sonham e lutam por um mundo mais justo, onde a união, será a única força a dominar.

“ Os nossos problemas sociais não são impossíveis de serem solucionados. Sabemos que somos capazes de sonhar e de ter utopias que estão mais além da nossa condição humana. Mas, sabemos também que a solução destes problemas sociais faz parte de sonhos factíveis. E são estes sonhos que abrem horizontes para pensar novas formas de organização social”. (SUNG,1995:116)

“ A pedagogia da Esperança tem como tarefa na educação, possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo bla blabá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjunturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular - a da linguagem como caminho de intervenção da cidadania” (Paulo Freire)

VI - APONTANDO PARA O FUTURO

Devido ao crescimento, o CEJOLE tem como prioridades, atualmente a construção e ampliação dos espaços físicos; atendimento às crianças no setores Pedagógico, Psicológico e Social; elaboração de projetos para manutenção e crescimento da Obra; criar oficinas de Artes e de Música; Ampliar o Núcleo Santa Joana; regularizar a documentação da Obra, das famílias e das crianças; buscar apoio para melhorar a metodologia de trabalho usada com as crianças; investir na formação das monitoras.

Estou a partir da teoria e prática vivenciada, sentido que trabalhar com Educação Popular é algo bem diferente da educação formal. Como afirma a monitora Ana, *“ o processo é muito lento. É importante acompanhar o ritmo da comunidade, das monitoras e da adesão das crianças(...) Uma das grandes e última conquista foi começar a aprender a ensinar Matemática de uma forma diferente , onde as crianças participam, se interessam e começam a entender o raciocínio. Fazem o correto sem dificuldades. Um outro método que investi muito, foi a roda de conversa que era um grande desafio, mas hoje dá gosto perceber onde chegamos. As crianças se escutam, se expressam e já é uma necessidade para desfazer os conflitos que surge entre eles (...)”*

É importante registrar que as monitoras são pessoas da própria comunidade, comprometidas e apaixonadas pelo que fazem, o que permite fazer um trabalho bem melhor, uma vez que conhecem a problemática e a realidade onde atuam. Aos poucos a integração CEJOLE/ESCOLA OFICIAL, vai acontecendo. Algumas professoras, devido ao rendimento das crianças, procuram as monitoras.

Quanto à Alfabetização de Adultos, diz a monitora Ana: “ *é motivada com fatos da vida deles, onde a princípio resgatamos a própria história de cada um. O objetivo é partir dessa situação como pode, reunir, se organizar para transformá-la e assim é o ler e escrever, para uma transformação a uma situação de vida do país. O aluno traz o que pensa sobre determinado assunto nós vamos complementado, na verdade vai ocorrendo uma troca de saberes...*”.

Os desafios nos impulsionam a cada dia rever nossa prática, buscar apoio, ajuda de quem pode oferecer, doar-se na tentativa de ir solucionando os problemas. Estamos mais conscientes de que a caminhada é do povo e nosso dever é caminhar com eles e intervir quando solicitadas para contribuir em algo que foge ao alcance deles. É orientar na caminhada, até mostrar a direção, porém

nunca caminhar na frente. Esse é um processo que devemos estar muito atentas, pois nosso impulso é tentar solucionar os problemas logo, isso queima todo o processo. Um exemplo disso foi a padaria construída no Núcleo Nossa Senhora Aparecida. Nós, de imediato, percebemos que seria a solução para o povo, porém eles não estavam preparados, no princípio foi ótimo, agora está parada ninguém consegue trabalhar com o maquinário. Como afirma FREITAS:

“ A questão mais delicada e o desafio mais difícil para o pedagogo é o seguinte: como desenvolver uma política de produção de cultura popular e de apoio aos grupos espontâneos, evitando a intervenção que mata o núcleo essencial do grupo espontâneo, isto é, sua autonomia? Como ser educador desses grupos, sem destruir sua espontaneidade ? Os grupos espontâneos possuem “projetos” culturais, esportivos, diversionistas etc. Os educadores (Estado, Município, Igreja, escolas, sindicatos etc.) tendem a oferecer aos grupos o produto final do que imaginam ser o objetivo de seus projetos, esquecendo que é mais importante oferecer as condições de apoio para a realização dos mesmos projetos. Assim, por exemplo, ao projeto “leitura” responde-se com a instalação da Biblioteca municipal; ao projeto “casa” se oferece um conjunto de casas populares; ao projeto “esporte”; respondem com a construção de instalações esportivas”(FREITAS, 1996:137).

O peixe que se compra não tem o mesmo sabor do peixe que se pesca. Vejo que a Companhia vem dando passos com relação a isso. Vem nos preparando e nos incentivando à formação acadêmica, mais humanista, conscientizadora dos problemas sociais. Está aos poucos, procurando envolver pessoas na educação popular que realmente se identifica com o meio evitando assim, a queima de processo da caminhada do povo.

Analisar essa relação entre a prática de educação popular, a partir das propostas e das atividades educativas desenvolvidas é de fundamental importância para percebermos se esta prática está se desenvolvendo a partir do próprio povo e de suas necessidades. Por isso, vejo a necessidade de refletirmos sobre alguns questionamentos: O que as atividades educativas têm a ver com as condições de existência das camadas populares? Em que medida a organização do trabalho nas atividades educativas está utilizando ou não mecanismos de distribuição e exercício de poder onde alguns pensam e decidem o que os outros devem pensar e fazer? Os grupos populares têm condições de expressar suas expectativas em relação à atividade educativa? Procuramos compreender que ligação estes grupos fazem entre suas expectativas e suas condições de existência? Em que medidas estas expectativas são discutidas, questionadas, reformuladas pelos próprios grupos populares? Ou seja, quem escolhe os temas e formula as questões para as discussões? Em que medida nos preocupamos em não sermos consideradas como “as sabe-tudo” e deixamos o povo manifestar seu saber? O material didático que é usado, é elaborado por quem? Com qual objetivo? Este material alimenta o debate do grupo? Ou faz com que o povo fique mais dependente do nosso conhecimento e da nossa forma de encaminhar os debates? Como ser cidadãos em uma sociedade tão discriminatória, excludente e

massacrante ? Como fomentar valores de respeito se o exemplo que a todo momento frente a nossos olhos são de desrespeito com o ser humano ? Como cultivar sentimentos solidários se os bens materiais estão acima do próprio ser humano ? Como lutar por seus direitos, se a todo momento, as pessoas que buscam o que lhe é de direito: um pedaço de terra - é taxado de ladrões, assaltantes, como é o caso dos sem - terra ?

Se não fosse este sentimento ou desejo de pensar somente em si próprio, com certeza o mundo seria deferente... Não haveria tantas desigualdades... Tanto desamor... A educação seria, enfim, o que realmente deveria ser: direito de todos. A fome, a terra, a saúde, não seriam , com certeza, motivo de morte e, sim, de prosperidade.

Muitas perguntas, poucas respostas, mas um compromisso real em procurar as respostas, que sabemos serem sempre parciais, no processo vivido no dia - a - dia do CEJOLE.

Para finalizar, o depoimento de Marilene, monitora do CEJOLE, desde sua fundação; sintetiza, a meu ver o que temos experimentado na luta pela construção de um mundo mais solidário:

“ Meu principal instrumento nesse trabalho de educação popular era a escuta, a acolhida e os cursos para meu aperfeiçoamento(CEPIS, FÉ e ALEGRIA e CAJAMAR). Foram muito bons, e eu ia aplicando imediatamente o que refletia/aprendia e partilhava nos cursos. No Núcleo Nossa Senhora de Fátima, onde fui monitora no início, foi muito difícil, pois encontrei crianças sem limite algum, muito violentas, ariscas, sem falar no lado afetivo que estava completamente comprometido...era uma necessidade gritante. O salão era pequeno, mal cabia as crianças, as mesas eram montadas com cavaletes, o que dificultava o trabalho... Às vezes, chegava em casa e chorava de tristeza por não ter ainda encontrado saídas, principalmente, na disciplina das crianças. O primeiro passo que dei nesse sentido foi dedicar-me a entendê-los e a dar muito carinho, as coisas aconteciam juntas na verdade: entendimento e carinho. Quanto mais escutava as crianças e percebia a realidade que os envolvia, mais eu descobria o que deveria fazer.

Fui percebendo o quão inteligentes são, fui captando os dons artísticos, a coordenação motora, o raciocínio lógico, o falar, representar, cantar, etc. Apliquei muitas atividades para desenvolver mais ainda essas potencialidades: teatro sobre temas trabalhados em sala ou sobre algo de que queriam, deixava-os desenhar bastante, provocava “bate papos” entre eles e eles comigo. Cantávamos muito , músicas de que gostavam e algumas que eu lhes ensinava; pintura; trabalho com gesso; e muitos passeios. As regras que íamos combinando juntos a cada atividade foi fornecendo-lhes alguns limites de convivência. Os jogos e brincadeiras na rua também contribuíram muito para esse processo de transformação. Fazíamos tudo juntos, arrumação da sala , preparação do almoço etc...

A cada ano que iniciava, discutíamos juntos sobre o que era importante fazer e o que faríamos durante a semana e como faríamos...

Através de histórias infantis trabalhávamos vários temas. Eles também contavam histórias uns para os outros. O trabalho ia melhorando a cada dia. Com o passar do tempo ia percebendo a necessidade de algumas crianças serem atendidas em ludo - terapia, porém como o espaço físico era muito precário e as crianças não se deslocavam de um Núcleo para o outro, por causa das rivalidades, não fazíamos esse trabalho.

Percebia que algumas crianças tinham dificuldades de conviver em grupo e uma mãe conseguiu levar a criança em um grupinho de ludo-terapia no Núcleo Nossa Senhora Aparecida, por 2 anos. Foi

muito bom. Por causa desta criança, fizemos reunião na escola onde estudava: A psicóloga do CEJOLE que o atendia, a coordenação pedagógica da escola, a professora do garoto e eu. Nesta reunião a coordenadora afirmava que ele tinha um distúrbio neurológico, por causa da demasiada agitação. A psicóloga provou que a criança era saudável, pois já tinha feito vários testes com ele. Foi solicitado a mudança de horário e classe e o garoto progrediu.

Uma questão que para mim era muito importante trabalhar, era o interesse pela escola, o CEJOLE não é escola, é um apoio a esta. Porém era muito difícil, pois como gostar de um lugar que não educa, nem ensina segundo suas realidades: de fome, miséria, abandono, habitação precária etc... Algumas vezes íamos à escola conversar com as professoras sobre as crianças, íamos às reuniões de pais, ocupávamos quando nos era cedido, o espaço das escola para jogos, esportes.

Outros problemas que enfrentamos são : a evasão escolar, muitas crianças trabalham e já vão cansados para o CEJOLE, para a escola, o que causa stress nas crianças, atrapalhando a aprendizagem.

Quero dizer principalmente que, isto tudo feito e partilhado, aprendi enquanto trabalhava no CEJOLE, na convivência com as pessoas - é o aprendizado mútuo entre educador e educando que tanto se fala na educação popular - O relacionamento com as pessoas e a percepção delas tanto nos predispõe a amá-las e ajudá-las quanto somos amadas e ajudadas. É uma experiência muito rica e compensadora”.

VII - BIBLIOGRAFIA

1. Almanaque Abril. São Paulo, 1998.
2. BENJAMIN, César (org) - **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
3. BOURDIEU, P. & PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1995.
4. DEMO, Pedro. Exigências e desafios da cidadania emancipada In: **Cidadania Tutelada, Cidadania assistida**. São Paulo: Editores associados, 1995.
5. FERREIRO, Emília. **Os filhos do analfabetismo: propostas para Alfabetização escolar na América Latina**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1990.
6. FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

7. FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática educativa**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1997.
8. _____, **A Pedagogia da esperança - um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993
9. _____, **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.
10. GARCIA, Regina Leite. A Educação Numa Plataforma de Economia Solidária
In: **Proposta Fase, n. 74**. Set/nov. 1997.
11. JOSÉ, Elisabete da Assunção. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1996.
12. JORGE, J. Simões **A Ideologia de Paulo Freire**. São Paulo: Ed Loyola, 1979.
13. KRAMER, Sonia. Dando voz ao Mestre. In: **Revista Presença Pedagógica**.
Julho/Agosto, 1995.
14. MARTINS, José de Souza. **A chegada do Estranho**, São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.
15. MOURA, Laércio Dias de et al. **Construindo a Cidadania**. São Paulo: Markron Books, 1995.

16. NEVES, Lucia Maria Wanderley. **Brasil Ano 2000: uma nova divisão do trabalho na educação** Rio de Janeiro, Ed. Papéis e Cópias, 1997.
17. NOSELLA, Poolo. Os novos desafios para a educação popular no Brasil. In: FREITAS, de Marcos Cezar (org) **A reinvenção do futuro**. São Paulo. Ed. Cortez, 1996.
18. O'GORMAN, Frances. **Promoção Humana: Princípios e práticas numa perspectiva cristã**. São Paulo: Ed. Paulinas; Rio de Janeiro: FASE-NUCLAR, 1982.
19. PLANO DECENAL DA EDUCAÇÃO PARA TODOS - MEC - Brasília, 1993
20. REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ .ANO 64 n746 São Paulo: Edições Paulinas, 02/1998.
21. RODRIGUES, Neidson Educação básica e cidadania. In: **Anais XVIII do Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional**. 1986. Rio de Janeiro: ABI, 1987. p..59-78.
22. SAMPAIO, Carmen D. S. Sanches. Ambiente alfabetizador na pré - escola: uma construção. In: **GARCIA, Regina L.(org)** Alfabetização dos alunos das classes populares. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

- 23.SANTOS, Lucília Paixão. Educação básica Currículo e formação dos professores. In: **Revista Presença Pedagógica**, v. 3 n.17 set/out, 1997.
- 24.SUNG, Jung Mo. **Conversando sobre ética e sociedade**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.
- 25.TORRES, Carlos Alberto. Estado, Privatização e Política educacional para uma crítica ao neoliberalismo. In: **Pedagogia da Exclusão- Crítica em educação**. Pablo Gentile (org) Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1979.
- 26.TORRES, Carlos Alberto. **A Prática Educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Loyola, 1979
- 27.XV Congresso Nacional de Educação: **O professor necessário na construção da cidadania**. Caderno da AEC do Brasil, 1995 n. 55.

VII - ANEXO No.1

CÍRCULOS BÍBLICOS

ORAÇÃO INICIAL PARA TODOS OS DIAS:

Vinde, Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendeis neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Oremos. Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis com a Luz do Espírito santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo Senhor nosso, amém.

CANTO FINAL PARA TODOS OS DIAS:

1. O povo de Deus no deserto andava mas a sua frente, alguém caminhava.
O povo de Deus era rico em nada só tinha a esperança e o pó da estrada.
Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada somente sua graça,
me basta e mais nada. (bis)
2. O povo de Deus também vacilava às vezes custava a crer no amor.
O povo de Deus, chorando, rezava pedia perdão e recomeçava.
Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada perdoa se às vezes,
não creio em mais nada. (bis)
3. O povo de Deus também teve fome e tu lhe mandastes o pão lá do céu.
O povo de Deus cantando deu graças provou teu amor, teu amor que não
passa. Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada Tu és o
alimento, na longa jornada. (bis)
4. O povo de Deus ao longe avistou a terra querida que o amor preparou.
O povo de Deus corria e cantava e nos seus louvores teu amor
proclamava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada
cada dia mais perto, da terra esperada. (bis)

1º ENCONTRO
CANTO DE MÍRIAM(Ex. 15,1-20)
A VOZ DA MULHER
NA LIBERTAÇÃO DO POVO



Texto Bíblico: CANTO DE MÍRIAM

Míriam, a voz da mulher que canta a libertação do seu povo. Vou cantar a Javé, pois sua vitória é sublime: Javé é minha força e meu canto, ele foi minha salvação. Ele é o meu Deus: Eu o louvarei; Ele é o Deus de meu pai: eu o exaltarei. Javé é um guerreiro, seu nome é Javé. Guiastes com amor a povo que redimistes, e o levastes com poder para tua morada santa. Tu o conduzes e o plantas sobre o monte da tua herança. Javé reina para sempre e eternamente. A profetisa Míriam, irmã de Aarão, pegou um tamborim, e todas as mulheres a seguiram com tamborins, foram formando coros de dança. E Míriam entoava: Cantem a Javé, pois a sua vitória é sublime: Ele libertou o seu povo da escravidão.

Para refletir:

1. Olhando para o desenho, o que é que ele nos fala?
2. Existe algo de parecido entre a história de Míriam e a nossa ?
3. O que queremos alcançar com nossa luta ?
4. Nós nos podemos nos alegrar e louvar a Deus por alguma coisa que já alcançamos ?

Preces espontâneas, Pai Nosso e Glória ao Pai...Canto final, p.1.

ORAÇÃO INICAL: página n.1

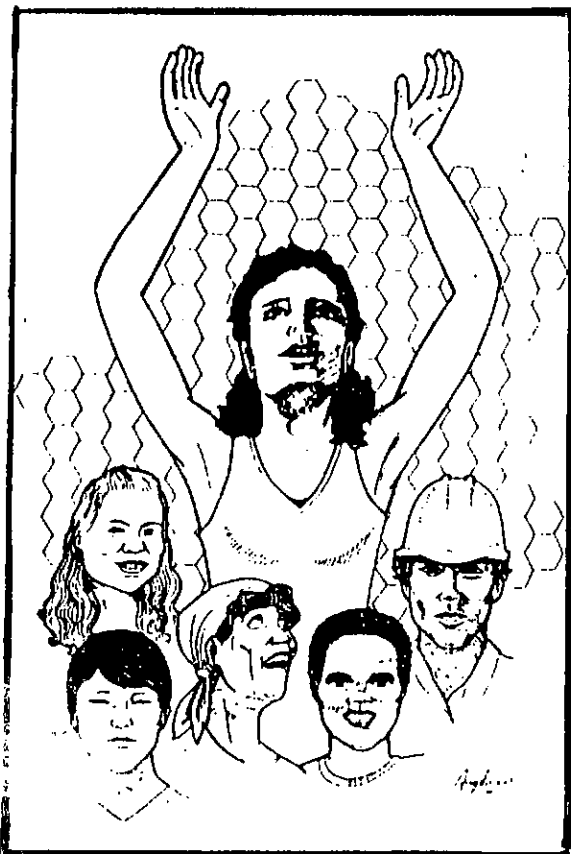
O mês de setembro é o mês da Bíblia. Escolhemos como tema para os Círculos Bíblicos, a MULHER. Vamos conhecer algumas mulheres que lutaram para a libertação do seu povo oprimido.

Míriam é uma dessas mulheres. No seu canto, constatamos a força do povo organizado e consciente, e também a força de Deus que age dentro da consciência e da organização do povo, para realizar o seu projeto. O canto de Míriam deixa claro a participação das mulheres em toda caminhada de libertação do seu povo das garras dos poderosos.

Aparece aqui uma apelo muito importante da mulher, que é puxar e animar a luta do povo e celebrar as conquistas e vitórias.

As mulheres que assumem hoje esta luta, continuam o testemunho de Míriam. Elas mostram que querem juntar as forças e não dividir. Querem participar com suas capacidades próprias.

A MULHER DESPERTA E ORGANIZA O POVO



Estamos vivendo um momento de crise muito aguda, como povo. O custo de vida está muito alto e os nossos salários estão muito baixos.

A maioria dos brasileiros não tem um pedacinho de terra para construir sua casa. Estamos bastante decepcionados com os governantes do nosso país.

A grande vítima de toda essa situação de injustiça é o trabalhador. Parece que a esperança que animava nosso povo se esgotou.

Olhando para a Bíblia, vemos que na vida do povo de Deus também houve momentos de crise aguda. Em alguns casos, num momento de crise como essa, apareceu alguma mulher. Assim aconteceu com Débora. Ela entrou com sua capacidade de liderança num momento em que o povo estava desanimado e dividido.

Vamos ver como Débora, trabalhadora e comunitária, igual a uma abelha, organiza seu povo e o incentiva a se defender.

DÉBORA, a profetiza que acorda seu povo e o organiza para superar a crise

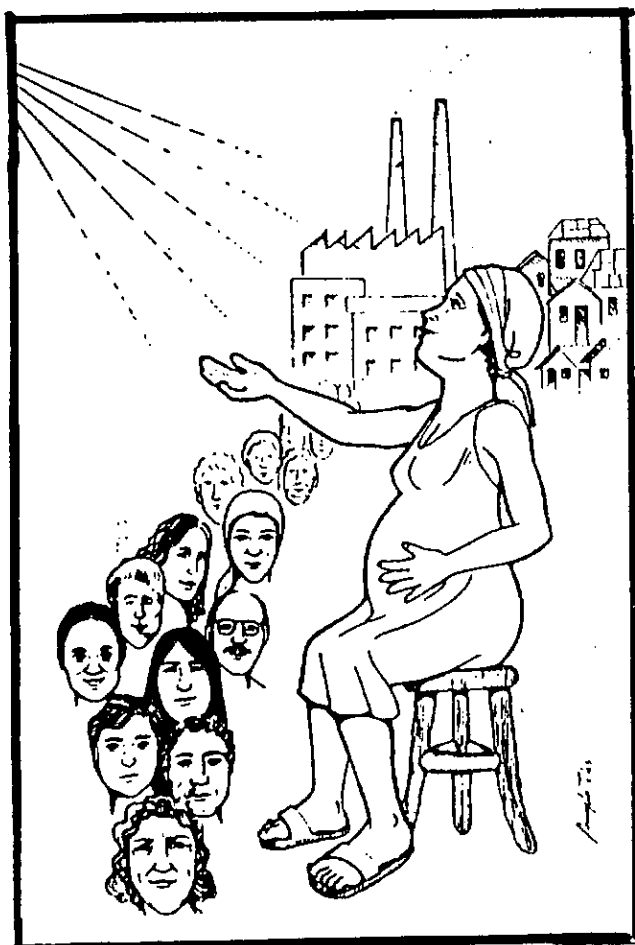
As aldeias estavam mortas em Israel. Estavam mortas, até que você, Débora, até que você se levantou como mãe de Israel. Meu coração está voltado para os comandantes de Israel e para os voluntários do povo: Bendigam todos a Javé! Vocês que vão pelos caminhos, cantem! Juntem-se ao grito dos homens aí eles estão, e celebraram as vitórias de Javé. Desperte, Débora, desperte! Desperte logo e cante um canto. Que os sobreviventes desçam com os nobres e o povo de Javé me ajude contra os poderosos. Desse modo, Javé, teus amigos sejam fortes como o sol que se levanta com todo seu fulgor!

Para refletir:

1. Olhando para o desenho, o que é que ele nos fala?
2. Existe algo parecido entre a história de Débora e a nossa vida?
3. Quais as atividades que os voluntários de nossa comunidade estão dispostos a realizar para o bem de nossas crianças? Quais as lideranças que foram surgindo na comunidade?

3º. ENCONTRO
CANTO DE ANA (1Sm 2,1-10)

A MULHER SE REGOZIJA NO DEUS DA VIDA



ANA, a mulher - mãe que suplica a vida para a sobrevivência da tribo e gera o filho que vai marcar um novo período na história

Para refletir:

1. Olhando para o desenho, o que é que ele nos fala ?
2. Existe algo de parecido entre a história de Ana e a nossa vida ?
3. As crianças são sementes de vida para uma sociedade melhor. O que podemos fazer para ajudar as famílias das crianças da nossa comunidade ?
4. As crianças são o futuro da sociedade e a escola é muito importante na preparação dessas crianças para a vida. O que podemos fazer para incentivar as crianças a frequentarem a escola? **Preces espontâneas, Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai...**

ORAÇÃO INICIAL. p.1

Ana era estéril. De fato, ela se tornou mulher - mãe por graça de Javé.

Estamos vivendo uma situação de morte. O projeto de Deus é contrariado todo dia com essa situação de tanto luxo por um lado e miséria por outro lado. As mulheres tomam cada vez mais consciência de sua responsabilidade diante desta situação. Nesta realidade, a atividade das mulheres é visível. Elas participam dos movimentos que geram vida. Isto aparece claro no mutirão das mulheres, as Anas de hoje. Vamos buscar no canto de Ana, luz para as nossas lutas e nossas experiências do dia-a-dia.

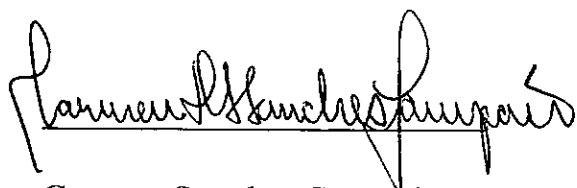
Texto Bíblico: Canto de Ana

“Meu coração se alegra em Javé, em Deus me sinto cheia de forças. Agora, que eu possa responder aos meus inimigos, pois me sinto feliz com a tua salvação. Ninguém é santo como Javé, não existe Rocha como nosso Deus. O arco dos poderosos é quebrado, e os fracos são fortalecidos. Ele ergue da poeira o fraco e tira do lixo o indigente. Ele guarda o passo de seus fiéis, enquanto os injustos perecem nas trevas pois não é pela força que o homem triunfa.”

VIII - DECLARAÇÕES

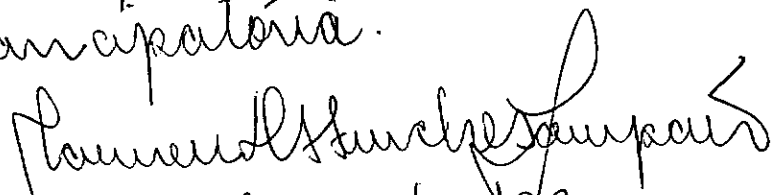
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que a aluna ROSA ALVES MIRANDA, matrícula 942351061, cursando a disciplina Monografia, esteve sobre minha orientação, desenvolvendo a Monografia intitulada EDUCAÇÃO POPULAR: AINDA UM DESAFIO, na qual obteve grau 10,0.



Carmen Sanches Sampaio

Rosa Alves em sua monografia busca refletir criticamente sobre a sua prática cotidiana enquanto interventora e mediadora com grupos das camadas populares. Sua monografia abre possibilidades e questões, apontando para a continuidade destas reflexões. Revela, também, o seu empenho, dedicação, seriedade e compromisso com a educação crítica e emancipatória.



Ry, 26/10/98

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que efetuei a leitura final da monografia:
EDUCAÇÃO POPULAR: AINDA UM DESAFIO, realizada pela aluna ROSA
ALVES MIRANDA matrícula 942351061 que, cursando a disciplina Monografia,
obteve o grau_____.

Gilda Grumbach

Rio,_____/_____/_____.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que efetuei a leitura final da monografia:
EDUCAÇÃO POPULAR: AINDA UM DESAFIO, realizada pela aluna ROSA
ALVES MIRANDA, matrícula 942351061 que, cursando a disciplina Monografia,
obteve o grau _____.

Malvina Tuttman Reis.

Rio, ____/____/____.